

HARRY POTTER, DO GLOBAL AO LOCAL: PISTAS PARA A COMPREENSÃO DO PROCESSO DE DIFUSÃO E RECEPÇÃO DA OBRA NUM CONTEXTO DE CAPITALISMO PERIFÉRICO

Marco Polo Henriques¹

RESUMO:

Este artigo apresenta dados primários e secundários sobre o percurso da obra literária *Harry Potter* em âmbito global e local, aprofundando a reflexão sobre a cultura de massa na contemporaneidade, particularmente num cenário de modernidade periférica. Discute também questões de ordem teórico-metodológica na pesquisa de recepção e as condições para realização do trabalho de campo com leitores da comunidade de Paraisópolis, em São Paulo.

Palavras-Chave: *Cultura Mundializada. Cultura Local. Mercado Editorial. Recepção de leitores da periferia. Produção de sentido.*

A presente análise detém-se em alguns aspectos relativos ao percurso da obra literária *Harry Potter* no mercado editorial internacional e no brasileiro, revelando estratégias utilizadas por produtores e difusores desde o lançamento mundial entre 1997 e 1998 até sua ampla aceitação perante o público infantojuvenil brasileiro a partir dos anos 2000. O espaço dos leitores também é investigado por meio do delineamento dos métodos e das técnicas utilizados para a realização de pesquisa de campo com crianças e adolescentes inseridos numa realidade de desigualdade social, moradores da comunidade de Paraisópolis, na periferia da cidade de São Paulo, visando identificar as especificidades da apropriação que esses leitores fazem da

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação – PPGCOM, da Escola de Comunicações e Artes – ECA, Universidade de São Paulo – USP. Bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). E-mail: marcopolorh@usp.br.

obra *Harry Potter* e, particularmente, de seu discurso, relacionadas ao contexto e aos processos de produção em que a obra foi concebida.

Segundo Souza (2003), uma das características peculiares da sociedade brasileira é a sua formação num cenário de *modernidade periférica*, experiência que combina ao mesmo tempo o desenvolvimento dos meios de produção (modernização capitalista) e a ausência de precondições essenciais de cidadania encontradas em outros países. Essa antinomia que marca o processo nacional de modernização capitalista é reproduzida de forma exemplar pelo mercado de bens culturais, confrontando-se, de um lado, uma produção própria e de alto nível técnico, o que denota a existência de aparatos tecnológicos e recursos humanos aptos a operá-los; de outro, a persistência de uma realidade de exclusão social com impactos negativos que comprometem o acesso das parcelas mais pobres da população não apenas aos produtos culturais e artísticos em si – obras de arte, música, cinema, teatro, literatura etc. –, mas também à formação e ao processo cultural como um todo. Um exemplo de política pública empenhada na ampliação do direito à cultura é o chamado Vale-Cultura, iniciativa do Ministério da Cultura prevista para entrar em vigor em 2014, cuja estratégia é incentivar empresas a repassarem o valor de 50 reais mensais a trabalhadores registrados com rendimento de até cinco salários mínimos exclusivamente para a aquisição de bens culturais diversos².

Circunscrevendo a análise ao segmento editorial, tal discrepância é expressa pela relação entre exemplares impressos e o contingente populacional do país aferida a cada década pelo IBGE. De acordo com Sandra Reimão (1996), apenas na década de 1970 a relação entre tiragem de livros e a população do Brasil atingiu índice numérico superior a 1: “em 1972, editou-se 1,3 livro por habitante, contra 0,8 do ano anterior. Com algumas distorções, essa proporção se manterá crescente durante a década, atingindo o índice de 1,8 em 1979” (REIMÃO, 1996: 58).

Ainda segundo Reimão (2011), o índice brasileiro de livros por habitante chegou ao patamar 2 no final da década de 2000, impulsionado em grande parte pelo aumento progressivo da produção editorial e a redução no preço de capa dos títulos: “Os 386.367.136 exemplares produzidos em 2009 representam 2 livros por habitante ao ano, para uma população de 191,5 milhões de habitantes. Se pensarmos nos exemplares comercializados, esse índice cai para 1,9 livros comercializados por habitante” (REIMÃO, 2011, p. 196).

² Disponível em: < <http://www.cultura.gov.br/valecultura>>. Acesso em 03/11/2013.

A título de comparação, em 2003, nos Estados Unidos eram produzidos 11 livros per capita ao ano e na França, sete, segundo Lindoso (2005).

Na interpretação de Reimão (1996), sem estabelecer uma correlação de causalidade determinante entre os dados, os referidos números mostram-se significativos ao levar em conta as taxas persistentes de analfabetismo e as precárias condições socioeconômicas de ampla parcela da população brasileira, mas também deixa entrever a potencialidade de um mercado a ser explorado:

Levando-se em conta esses obstáculos à expansão do mercado editorial brasileiro e refletindo-se que, apesar deles, o mercado já é bastante significativo, torna-se patente a potencialidade de seu crescimento. Note-se que apesar do índice brasileiro de livro por habitante ao ano ser baixo, o fato de a população ser numericamente grande, uma das maiores populações mundiais, torna o Brasil um amplo mercado, comparado a outros países (REIMÃO, 1996, p. 80).

Um dos principais desafios do mercado editorial brasileiro diz respeito aos canais de distribuição, considerando as dimensões continentais do país. Além do fato de a produção brasileira ser relativamente menor comparada à de países desenvolvidos e da renda das pessoas ser, também, muito inferior, o escasso número de bibliotecas e de livrarias também dificulta o acesso às publicações. De acordo com levantamento feito pelo Diagnóstico do Setor Livreiro 2009, apresentado pela Associação Nacional das Livrarias – ANL, os mais de 5 mil municípios brasileiros contam com menos de 3 mil livrarias, sendo que mais da metade delas estão concentradas na região Sudeste. Isso aponta para a existência de uma livraria para cada 64.255 habitantes, enquanto a recomendação internacional é de uma livraria para cada 10 mil habitantes, conforme Reimão (2011).

O cruzamento dessas informações sugere que a obra *Harry Potter*³, enquanto produto de massa destinado a atingir o maior público possível, beneficiou-se das potencialidades do mercado editorial brasileiro, ao mesmo tempo em que se deparou com diversos gargalos – para maior difusão na sociedade brasileira, incluindo parcelas consideráveis da população

³ A obra, traduzida no Brasil por Lia Wyler e publicada pela Editora Rocco, narra a trajetória do personagem-título, Harry Potter, garoto órfão criado pelos tios que, ao completar 11 anos, descobre ser um bruxo e passa a frequentar a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, tendo como missão enfrentar e derrotar o bruxo das trevas Lord Voldemort. É composta por sete volumes: *Harry Potter and the Philosopher's Stone* (*Harry Potter e a Pedra Filosofal* – tradução brasileira lançada em 2000); *Harry Potter and the Chamber of Secrets* (*Harry Potter e a Câmara Secreta* – tradução brasileira lançada em 2000); *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (*Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* – tradução brasileira lançada em 2000); *Harry Potter and the Goblet of Fire* (*Harry Potter e o Cálice de Fogo* – tradução brasileira lançada em 2001); *Harry Potter and the Order of the Phoenix* (*Harry Potter e a Ordem da Fênix* – tradução brasileira lançada em 2003); *Harry Potter and the Half-Blood Prince* (*Harry Potter e o Enigma do Príncipe* – tradução brasileira lançada em 2005); *Harry Potter and the Deathly Hallows* (*Harry Potter e as Relíquias da Morte* – tradução brasileira lançada em 2007).

economicamente impossibilitadas de adquirir os exemplares em livrarias e demais pontos de venda, foi providencial a presença em bibliotecas públicas e no currículo de leituras das escolas municipais e estaduais – ao ser introduzida no país pela Editora Rocco no início da década de 2000. Reconhecida por ser a responsável pelo lançamento do maior fenômeno literário brasileiro de todos os tempos, o escritor Paulo Coelho, que despontou como autor de *best-sellers* em 1987 com o lançamento da obra *Diário de um Mago*, a Rocco iniciou suas atividades em 1975 e em menos de 15 anos já era uma das maiores editoras do Brasil, especializada em obras de ficção de autores nacionais e estrangeiros (PAIXÃO, 1995).

O interesse por publicações internacionais bem-sucedidas fez com que o fundador e presidente da Rocco, o economista Paulo Rocco, que chegou a atuar em editoras de importância histórica para o mercado editorial brasileiro como Francisco Alves e José Olympio (PAIXÃO, 1995) antes de criar sua própria editora, adquirisse os direitos de publicação no Brasil da série de sete livros *Harry Potter*, em negociação realizada durante a Feira de Frankfurt de 1997, com o então agente literário da escritora J. K. Rowling⁴. O interesse do editor à época era apenas “incrementar” a linha de publicações infanto-juvenis com obras dotadas de boa perspectiva comercial, que permitissem uma venda certa e permanente ao longo dos anos, porém sem qualquer pretensão mais ousada em termos numéricos:

Um ano antes de me deparar com *Harry Potter*, eu tive contato com um agente inglês, que não era muito conhecido, e me vendeu os direitos de publicação de uma obra que estava sendo bastante comentada naquela edição da Feira, mas depois acabou não tendo o desempenho esperado. No ano seguinte, eu tornei a encontrá-lo e comentei sobre a minha necessidade de incrementar a linha de infantojuvenis da editora. Então, ele me apresentou uma coleção cujo primeiro dos sete volumes já havia sido lançado na Inglaterra e estava indo bem. Eu achei interessante e, depois de obter a aprovação dos pareceristas da editora, ele me fez um preço médio pelos dois primeiros títulos da série – o segundo já estava para ser lançado – e fechamos o acordo.⁵

A publicação da série de livros *Harry Potter* no Brasil ocorreu na entrada do século XXI, no ano 2000, com um atraso relativamente grande em relação ao mercado global – lançada pela editora inglesa Bloomsbury em 1997, a obra chegou ao mercado editorial norte-americano pela Scholastic, em 1998. Segundo Rocco, houve um esforço de equipe para corrigir

⁴ J. K. Rowling é a assinatura que Joanne Kathleen Rowling, escritora escocesa radicada na Inglaterra, escolheu para atender à estratégia da editora Bloomsbury de atrair a atenção do público-leitor formado por garotos com um nome não explicitamente feminino estampado na capa. Em 1990, enquanto atuava como professora de Língua e Literatura Inglesa em Portugal, começou a escrever o primeiro livro da série de sete volumes, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, que seria lançado em 1997. Disponível em: <http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/sobre-jk-rowling>. Acesso em 02/07/2013.

⁵ Trecho de entrevista semiestruturada feita pelo pesquisador por Paulo Rocco, presidente da Editora Rocco, em 09/04/2013.

essa discrepância e os três primeiros volumes traduzidos foram disponibilizados aos leitores brasileiros no mesmo ano – 2000 –, quando as editoras internacionais já se preparavam para lançar o quarto volume da série.

Por outro lado, na avaliação do editor, esse descompasso em relação ao ritmo de publicação internacional permitiu que a editora brasileira se beneficiasse da informação sobre o desempenho comercial favorável e ascendente da série de livros, impulsionando o investimento em estratégias de marketing pouco usuais entre as editoras nacionais, as quais se mostraram altamente eficientes:

Nós fizemos coisas inacreditáveis, como colocar caldeirões nas livrarias, instalações gigantescas espalhadas por cruzamentos da cidade do Rio de Janeiro e muitas promoções, já motivados pelos dados de que o livro estava indo muito bem nos Estados Unidos. A cada volume, pensávamos o que íamos fazer de diferente em termos de estratégias de divulgação, que sempre surtiam efeito, e vários livreiros agradeciam comentando que o título lançado havia ‘salvo seu ano’. Para nós, e acho que em todas as partes do mundo onde se publicou a obra, foi algo muito surpreendente, porque eram livros maçudos, portanto não se tratava de um tipo de leitura com o qual as crianças e os jovens estavam acostumados, e também houve uma grande procura por adultos, tanto que nos Estados Unidos foi lançada uma edição com capa diferente voltada para adultos, o que não chegou a ser feito no Brasil.⁶

O debute da obra no mercado brasileiro, no raiar do novo milênio, correspondeu exatamente à consagração alcançada no mercado internacional. Precisamente ao intervalo de lançamento entre o terceiro e o quarto volumes da coleção. De acordo com dados disponibilizados pela editora americana Scholastic, a tiragem inicial de *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (*Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*) – terceiro volume – nos Estados Unidos havia sido de 500 mil exemplares, um número sete vezes menor do que aquele divulgado sobre a impressão do volume imediatamente seguinte, *Harry Potter and the Goblet of Fire* (*Harry Potter e o Cálice de Fogo*), estimada em 3,8 milhões de exemplares⁷.

As ações de marketing e divulgação realizadas em torno da obra de Rowling no Brasil ganharam impulso extra com a repercussão até então inédita atingida entre os leitores internacionais exatamente nessa época, às vésperas do lançamento do quarto volume da série, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, lançado na Inglaterra e nos Estados Unidos em 2000 e no Brasil em 2001. A supremacia de *Harry Potter* no concorrido mercado de livros norteamericano – todos os livros da série chegaram ao primeiro lugar entre os *best-sellers* da lista do jornal *The New York Times*, segundo informação divulgada pela Scholastic – foi motivo de

⁶ Ibidem.

⁷ Disponível no endereço: < <http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em 01/07/2013.

descontentamento para alguns segmentos e motivou a polêmica “reforma” da página de livros do periódico americano anunciada em junho de 2000, que resultou na criação de listas separadas para livros adultos e infantis. Os detalhes e desdobramentos dessa operação são relatados no livro *Harry e seus fãs*, escrito pela jornalista norte-americana Melissa Anelli (2011), responsável pelo principal *fandom on-line* da obra, que teve a oportunidade de entrevistar a autora e registrou sua insatisfação com a decisão do *The New York Times*.

O *delay* no lançamento das obras no mercado editorial brasileiro em relação às demais praças internacionais foi explicado pelo editor da Rocco como resultante de uma imposição feita pela própria autora de que o acesso aos originais somente fosse liberado após a publicação nos países de língua inglesa:

Nós somente podíamos começar a tradução a partir do momento em que o livro era lançado lá fora, então havia uma defasagem que criava uma grande impaciência nos leitores brasileiros. Às vésperas do lançamento do quarto ou do quinto volume, não me recordo com precisão, ocorreu um episódio curioso que foi uma tentativa de invasão de *hackers* no computador da tradutora, a Lia Wyler, que motivou a adoção de medidas de segurança. Os arquivos passaram a ser gravados e entregues presencialmente e não mais via internet.⁸

Entretanto, a partir do lançamento do quinto volume da série, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, a publicação no Brasil passou a ocorrer com um intervalo cada vez mais curto em relação às nações anglo-saxãs, ocorrendo sempre no mesmo ano e com apenas alguns meses de diferença. Para se ter ideia, enquanto o sétimo volume da série, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, foi lançado em julho de 2007 nos Estados Unidos, a tradução brasileira foi disponibilizada para o público-leitor quatro meses depois, em novembro do mesmo ano⁹.

Esse ajuste da política de lançamento mundial para uma situação praticamente de simultaneidade no acionamento das dezenas de praças ao redor do mundo¹⁰ parece ter uma relação direta com o crescente êxito comercial alcançado pela obra a cada novo volume publicado. A curva feita pelo número de exemplares impressos em tiragem inicial nos Estados Unidos revela um crescimento exponencial entre o primeiro e o sétimo volumes, saltando dos 50 mil exemplares em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (primeiro volume) para 12 milhões de exemplares em *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (sétimo volume), quando o produto

⁸ Trecho de entrevista semiestruturada feita pelo pesquisador por Paulo Rocco, presidente da Editora Rocco, em 09/04/2013.

⁹ Disponível em: <http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/works/os-livros/>. Acesso em 02/07/2013.

¹⁰ De acordo com informação da editora americana Scholastic, a obra *Harry Potter* foi traduzida em 74 idiomas. Disponível no endereço: <<http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter/>>. Acesso em 01/07/2013.

editorial já havia extrapolado o universo literário para outras plataformas midiáticas, como filmes, jogos, atrações em parques de entretenimento, sites na internet etc.¹¹. Ainda segundo dados da editora Scholastic, somente nas primeiras 24 horas após o lançamento do último livro da série, foram vendidos 8,3 milhões de exemplares no mercado norte-americano, um recorde histórico¹².

No Brasil, os números disponíveis sugerem que os livros da série *Harry Potter* também estiveram entre os campeões de vendas ao longo de toda a primeira década do século XXI, aparecendo de forma recorrente (cerca de 16 vezes nos primeiros anos da década) entre os títulos de ficção mais vendidos no Brasil (REIMÃO, 2011). O último volume, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, estabeleceu-se como o livro mais vendido em 2007. No mesmo ano, segundo dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, *Harry Potter* ocupava a quarta posição no levantamento sobre “Livros mais importantes na vida dos leitores” e “Último livro que o leitor leu ou está lendo” (AMORIM, 2008)¹³.

Vale ressaltar que, no primeiro caso, o título “Harry Potter” aparece na pesquisa como resposta espontânea dos leitores consultados à pergunta sobre o livro mais marcante, com uma única opção. O mesmo ocorreu em relação à consulta sobre o livro mais recente lido. A pesquisa não fornece informações mais precisas sobre quais livros da série são os mais procurados pelos leitores, o que acaba sendo aferido pelos registros de tiragens e venda de cada volume, que aumentam progressivamente do primeiro ao último, conforme citado anteriormente. Ademais, o referido dado sugere uma associação direta e automática do conteúdo de cada título com uma temática comum a todos, a saga do protagonista que dá nome à coleção e à franquia, a qual abrange diversas plataformas midiáticas além dos livros, como filmes, jogos, atrações em parques de entretenimento, sites na internet etc.

A predominância de *Harry Potter* entre os mais vendidos ao longo de toda a década de 2000 e a preferência aferida entre leitores indicam sua condição simultânea de mercadoria e veículo cultural, conforme definição de Chartier e Roche (1995). A propósito, como expressão das dominantes culturais de sua época, *Harry Potter* não escapou das controvérsias relacionadas à oposição entre religiosidade e ocultismo, que, embora pouco significativas no

¹¹ Disponível no endereço: < <http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em 01/07/2013.

¹² *Ibidem*.

¹³ A pesquisa, apontada como o principal estudo sobre o comportamento do leitor no país, abrange o período 2000/2007. Foi encomendada pelo Instituto Pró-Livro, uma OSCIP (Organização Social Civil de Interesse Público) criada por iniciativa de representantes do governo e entidades do setor livreiro (Sindicato Nacional dos Livreiros – SNEL, Câmara Brasileira – CBL e Abrelivros), e realizada pelo instituto Ibope Inteligência.

Brasil, estiveram presentes em países como Emirados Árabes Unidos, onde a obra chegou a ser proibida em escolas particulares pelo Ministério da Educação sob a justificativa de que incentivava a bruxaria, e até mesmo nos Estados Unidos, com reações negativas de cristãos americanos e o recebimento pela American Library Association – ALA de inúmeros pedidos de restrição aos livros em escolas e bibliotecas públicas (ANELLI, 2011).

Entre polêmicas e ações comerciais diversas, incluindo promoções, eventos e desdobramentos da história em jogos, filmes, brinquedos, a venda dos títulos da série *Harry Potter* ultrapassou a marca de 450 milhões de exemplares em todo o mundo¹⁴. Segundo informação da Editora Rocco, os livros traduzidos por Lia Wyler constituem a coleção de maior êxito comercial considerando todo o seu catálogo de publicações, tendo sido comercializada, de acordo com fontes oficiosas do mercado livreiro uma quantidade superior a três milhões de exemplares¹⁵. A ampla difusão da obra não lhe garantiu unanimidade da crítica especializada; pelo contrário, houve reprovações tanto em âmbito internacional quanto nacional, como foi o caso do crítico norte-americano Harold Bloom, que apontou a prevalência de clichês no trabalho de Rowling e questionou seu valor cultural, posição associada à defesa dos cânones literários contra a produção de obras destinadas ao grande público, conforme relata Borelli (2006) em sua tese de livre docência. No Brasil, a escritora Marina Colasanti ressaltou a atenção dada a publicações internacionais revestidas de grande aparato publicitário em detrimento do lançamento de autores brasileiros, embora tenha reconhecido aspectos favoráveis no conteúdo da obra¹⁶.

A percepção positiva parece ter prevalecido no mercado brasileiro e, já no ano seguinte ao seu lançamento no Brasil, a coleção *Harry Potter*, formada então pelos três primeiros volumes (*Harry Potter e a Pedra Filosofal*, *Harry Potter e a Câmara Secreta* e *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*), recebeu o selo “Altamente Recomendáveis” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ na categoria Melhor Tradução Criança¹⁷. Entre estudiosos do universo dos livros fomentou-se uma visão de que a obra passou a desempenhar papel decisivo no crescimento do hábito de leitura dos jovens na última década. O bibliófilo José Mindlin endossou essa perspectiva ao afirmar, em entrevista concedida ao jornal Folha de S.

¹⁴ Disponível no endereço: <<http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em 01/07/2013.

¹⁵ A editora Rocco não forneceu dados sobre a vendagem da coleção *Harry Potter* no Brasil, o que exigiu do pesquisador a consulta a fontes do mercado editorial (distribuidores, livreiros e editores) para chegar à estimativa citada.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.leiabrasil.org.br/old/leiaecomente/rosbife.htm>>. Acesso em 02/07/2013.

¹⁷ Disponível em: <http://www.fnlij.org.br/principal.asp?cod_mat=32&cod_menu=2004>. Acesso em 02/07/2013.

Paulo, em 2009, que a leitura de *Harry Potter* não prejudicava outras leituras e poderia até incentivá-las: “A leitura é um processo automultiplicador, não existem regras rígidas para desenvolver o hábito”¹⁸.

Um artigo publicado dois anos antes no *The New York Times* chamava a atenção para uma pesquisa encomendada pela Scholastic a respeito dos hábitos de leitura infantil e familiar, segundo a qual 51% de 500 leitores de *Harry Potter* consultados, com idade entre 15 e 17 anos, afirmaram que até então não liam por prazer (provavelmente, apenas por indicação escolar). Ainda de acordo com o estudo, mais de três quartos desses leitores confirmaram que a obra impulsionou seu interesse em ler outros livros¹⁹. No Brasil, o recebimento da chancela “altamente recomendável” em 2001 pode ser apontado com um indício do reconhecimento da contribuição dos livros da série não apenas como incentivadores da leitura, mas do próprio processo de aprendizagem. Em 2008, os títulos foram introduzidos nas salas de leituras de 4.200 escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio do Estado de São Paulo²⁰.

O debate em torno das razões pelas quais *Harry Potter* se tornou um fenômeno editorial no mundo e, particularmente, no Brasil, remete à conceituação de *best-seller* elaborada por Reimão (1996) a partir da posição de alguns teóricos a respeito do assunto. De acordo com a autora:

Há um consenso de que essa literatura, descendente do romance-folhetim, expandiu-se a partir de meados do século XIX e especialmente no século XX, e de que esses textos devem ser inseridos na lista dos primeiros produtos da indústria cultural, a qual, por sua vez, é vinculada à fase monopolista do capitalismo e à sociedade de consumo (REIMÃO, 1996: 24).

Dos frankfurtianos, como Adorno, aos estruturalistas, entre os quais Todorov e Eco, o texto chamado de *best-seller* é caracterizado como um tipo de literatura trivial, sem qualidades literárias intrínsecas. Para os primeiros, atende ao propósito de manutenção do *status quo* e do consumo em larga escala; para os segundos, visa apenas e tão somente ao entretenimento e à consolação dos leitores, apresentando estrutura e conteúdo que se repetem e reafirmam o mundo como ele é. Reimão (1996) insere um novo ingrediente nessa discussão ao apresentar “teoria do filtro”, que encontra ressonância nos estudos sobre cultura brasileira realizados por Alfredo Bosi e Ecléa Bosi e pressupõe a refração dos conteúdos difundidos pela indústria

¹⁸ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2303200912.htm>>. Acesso em 03/07/2013.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2007/07/11/books/11potter.html?pagewanted=all&r=0>>. Acesso em 03/07/2013.

²⁰ Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/harry-potter-escola-485213.shtml>>. Acesso em 03/07/2013.

cultural a partir de ações de seleção e até de rejeição protagonizadas pelos receptores dessas mensagens.

Essa última abordagem aproxima-se da compreensão da atividade de leitura enquanto instância de produção de sentido defendida por Certeau (1994), que servirá de suporte teórico, assim como pressupostos pertinentes ao campo dos Estudos Culturais, da Sociologia da Leitura e da Estética da Recepção, para a interpretação das evidências a serem coletadas no espaço de estudo do objeto empírico, localizado na comunidade de Paraisópolis, em São Paulo, com leitores da obra *Harry Potter*. Na prática, já foram realizadas quatro incursões ao campo, do que resultou a confirmação da existência de condições para coleta e seleção de evidências e a mobilização de três frentes de mediação locais: Estação de Conhecimento Einstein, Espaço Esportivo e Cultural BM&FBOVESPA e Biblioteca Comunitária de Paraisópolis (Becei), que são responsáveis pelo desenvolvimento de programas culturais e de lazer perante a comunidade. Por meio dos referidos mediadores, chegou-se a uma amostra inicial de 28 leitores espontâneos da obra *Harry Potter*.

Visando uma aproximação com a metodologia desenvolvida por Bourdieu (1997) para a realização de entrevistas, denominada “autoanálise provocada e acompanhada”, em lugar de um questionário fechado, com resposta do tipo “sim X não”, que poderia levar ao que o sociólogo chama de “imposição da problemática”, pretende-se propor aos integrantes dessa amostra inicial, com a mediação dos responsáveis por cada uma das entidades, a redação de um texto sobre sua experiência com a obra *Harry Potter*. Essa estratégia ajusta-se perfeitamente a um dos critérios estabelecidos para a composição da amostra inicial, que é a procura espontânea pela leitura da obra, permitindo a consumação do processo pretendido por Bourdieu, no qual o pesquisado enuncia de forma expressiva experiências e reflexões já cultivadas e ainda não reveladas.

Na amostra inicial também chama a atenção a diversidade interna da faixa etária dos leitores, entre 9 e 17 anos. Conversações preliminares com educadores locais indicam que a necessidade de lidar com situações sociais adversas ou de maior responsabilidade já na infância e na pré-adolescência implica alterações na trajetória educacional e nas vivências dos receptores, impactando, conseqüentemente, no seu *habitus*²¹. Assim, o interesse pela leitura dos

²¹ O conceito de *habitus* diz respeito às disposições internalizadas resultantes dos condicionamentos sociais, entre as quais se destaca o gosto (disposição estética), manifestação de preferências culturais específicas relacionadas a posições de classe e, portanto, a um espaço de lutas simbólicas (Bourdieu, 2007).

livros da coleção *Harry Potter* tenderia a se manifestar mais precocemente, por volta dos 9 anos, enquanto adolescentes a partir de 14 anos estariam mais propensos a atividades culturais práticas, como a participação em grupos de dança e corais, o que, a princípio, pode indicar uma variação advinda do contexto concreto em relação à homogeneização proposta pelos produtores da obra de atingir leitores entre 11 e 17 anos, idade similar à do personagem central, que amadurece um ano a cada um dos sete volumes. Uma das fontes ouvidas nesse primeiro levantamento chegou a relatar o exemplo de um menino de 8 anos que passa a maior parte do seu tempo dedicando-se à compra e venda de materiais para auxiliar no sustento da família.

A constatação do nível de envolvimento dos leitores integrantes da amostra inicial por meio dos textos redigidos e entregues poderá servir de critério para o recorte que se pretende fazer na amostra inicial, tendo em vista o interesse na realização de pesquisa qualitativa e de um trabalho de explicitação de significados mais denso. A amostra significativa obtida poderá ser trabalhada por meio da técnica de grupo focal, conforme definição de Gaskell (2002).

O principal critério para a definição do tipo de grupo focal será o propósito da investigação qualitativa, que é a reprodução, na presença do pesquisador, da atribuição de sentido realizada por esses leitores a partir do contato com a obra, especificamente com a discursividade que a constitui. Para tanto, serão realizadas atividades de leitura e debate sobre trechos da obra – diretamente relacionados a propriedades discursivas identificadas previamente –, de forma que as “múltiplas vozes” referidas por Poupert (2008), a propósito da discussão epistemológica sobre o reconhecimento do saber leigo, tenderão a se manifestar, permitindo que as análises realizadas sejam, de fato, um produto do diálogo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados.

Os resultados obtidos com a técnica de grupo focal poderão ter como desdobramento a seleção de um ou dois perfis típicos para a realização de entrevista em profundidade (POUPART et al., 2008) ou história de vida (LOPES, 2005), possibilitando que se infira de forma mais acurada, por meio da perspectiva do sujeito, sobre as possíveis conexões estabelecidas entre o discurso e a recepção da obra *Harry Potter* e as condições de existência dos desfavorecidos e oprimidos socialmente. O objetivo é fazer emergir o que Bourdieu (1997) identifica como “discurso extraordinário” por parte dos pesquisados, de forma que manifestem os pontos fundamentais a partir dos quais veem a obra *Harry Potter* e a si mesmos,

evidenciando os nexos simbólicos dessa relação. Vale lembrar que Bourdieu (2005) relativiza as interpretações dos pesquisados a respeito de sua própria realidade, apontando-as como uma “construção”, que não pode ser confundida com a realidade como ela é, e o investigador deve manter-se atento.

Ao focar as leituras dos moradores de Paraisópolis acerca da obra *Harry Potter*, a pesquisa de recepção proposta contribuirá para, de um lado, ampliar a compreensão do processo de difusão de produtos culturais de massa entre leitores de baixa renda, identificando algumas dinâmicas que regem esse consumo. De outro, permitirá elucidar apropriações de sentido específicas e as conseqüentes intersecções entre conteúdos globais e locais no contexto da cultura mundializada.

Referências Bibliográficas

- AMORIM, Galeno (org.). **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial / Instituto Pró-Livro, 2008.
- ANELLI, Melissa. **Harry e seus fãs**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BORELLI, Silvia H. S. *Harry Potter: campo literário e mercado, livro e matrizes culturais*. 2006. Tese (livre docência) – Faculdade de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, P. (coord). **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 693-713.
- _____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007
- BOURDIEU, Pierre et al. **Ofício de sociólogo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger e ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: Novos objetos**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- COLASANTI, Marina. No mundo da magia se come rosbife. **O Estado de S. Paulo**. Disponível em: <http://www.leiabrasil.org.br/old/leiaecomente/rosbife.htm>>. Acesso em 03/07/2013.

COSTA, Cynthia. Harry Potter na escola. **Educar para Crescer**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/harry-potter-escola-485213.shtml>>. Acesso em 03/07/2013.

CUNHA, Juliana. Para gostar de ler (entrevista com José Mindlin). **Folha de S. Paulo (Folhateen)**. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2303200912.htm>>. Acesso em 03/07/2013.

DARNTON, Robert. “O que é a história do livro? – Revisitado”. *ArtCultura*. Uberlândia – MG, v.10, nº 16, jan./jun. 2011, p. 167.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. Livros Premiados 2010-2001. Disponível em: <http://www.fnlij.org.br/principal.asp?cod_mat=32&cod_menu=2004>. Acesso em 02/07/2013.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: M. W. Bauer e G. Gaskell (eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 64-89.

J.K. ROWLING’S WEBSITE. “Biografia”. Disponível em: <http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/sobre-jk-rowling>. Acesso em 02/07/2013.

_____. “Os livros”. Disponível em:

<http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/works/os-livros/>. Acesso em 02/07/2013.

LINDOSO, Felipe. “Educação – Lição de Casa”. **Desafios do Desenvolvimento**. Brasília, ano 2, nº 6, jan. 2005.

LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em comunicação**. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/valecultura>>. Acesso em 03/11/2013.

PAIXÃO, Fernando (coord.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1995.

POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, partes II e III, 2008, p. 127-352.

REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro 1960-1990**. São Paulo: Com-Arte / Fapesp, 1996.

_____. “Tendências do mercado de livros no Brasil – um panorama e os *best-sellers* de ficção nacional (2000-2009)”. **MATRIZES**. São Paulo, ano 5, nº 1, jul./dez. 2011.

RICH, Motoko. “Potter has limited effect on reading habits”. **The New York Times**. Disponível em:

<<http://www.nytimes.com/2007/07/11/books/11potter.html?pagewanted=all& r=0>>. Acesso em 03/07/2013.

SCHOLASTIC MEDIA ROOM. Disponível em: <<http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em 01/07/2013.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania:** para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Ed. UFMG e Iuperj, 2003.